

**A EXPERIÊNCIA DE SER ALUNA DE MARTINS,
OU A REPRODUÇÃO AMPLIADA DA SOCIOLOGIA**

***THE EXPERIENCE OF BEING MARTIN'S STUDENT, OR THE
SOCIOLOGICAL EXPANDED REPRODUCTION***

Loreley Garcia

Universidade Federal da Paraíba

Minha relação com a Sociologia nunca foi, de fato, uma coisa fácil. Posso dizer que sempre foi uma relação de estranhamento porque a explicação sociológica, inúmeras vezes, não conseguiu me convencer integralmente. Talvez, por esse motivo, eu tenha desviado meu caminho para a Ciência Política na sua interface com a Filosofia, quando me debrucei sobre a obra de Hannah Arendt e, posteriormente, ao optar pela Filosofia, já como estudante na Universidade de Hamburgo, Alemanha.

Durante os anos que passei na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), conheci Martins, um professor que conseguiu despertar em mim o interesse pelo fazer sociológico e me ensinou a exercitar o olhar sociológico, ou a arte de ver o mundo por meio de olhos históricos.

Nunca deixei de vê-lo como um entusiasta, um apaixonado pela sociologia e pelo trabalho de campo. Seu grau de envolvimento com o que estudava criava a impossibilidade de estabelecer a dicotomia tradicional que separa o sujeito do objeto, e em sua obra tardia isso fica ainda mais claro: nela, o subúrbio, depois da fábrica e da roça, Martins está explicando a si mesmo, o mundo de onde veio e, sobretudo, por que esse mundo era assim. O que somos, como somos, por que somos do jeito que somos tinha uma explicação oferecida pela sociologia, e, aí, a fria e quase insípida ciência ganhava vida, se traduzia em carne e fazia sentido. Aquele mesmo sentido que fui buscar na reedição da Polis grega. Outro detalhe importante é que a Sociologia praticada por Martins exibia a beleza que não enxergamos no mundo vivo das populações esquecidas, discriminadas ou, quando muito, toleradas: os

caipiras, os índios, os camponeses... tanta gente!

Certamente, o que aprendi com Martins passei para as novas gerações, funcionei como correia de transmissão, apenas isso, nada mais.

Foi ele quem me trouxe o interesse pela vida no mundo rural – porta para minha entrada na temática ambiental, aonde ‘sentei praça’ para todo o sempre. Do meu professor herdei também a certeza de que a pesquisa de campo é a alma e o coração do conhecimento científico.

Já se vão 30 anos dos tempos da FFLCH, mas lembro-me claramente de alguns ensinamentos de Martins. O primeiro deles diz: “bata com delicadeza na porta da realidade, não chegue invadindo, você está penetrando no mundo do outro, haja com humildade”. Tratar o outro, o nosso informante, com respeito foi uma lição que aprendi e tento repassar aos jovens pesquisadores: abandone a desprezível arrogância e a postura professoral, vocês estão no campo para aprender, nada mais, lá quem sabe alguma coisa, não são vocês.

Como minha graduação acontecia durante a década de 1980, convivíamos com teorias que funcionavam como se fossem uma doutrina, verdades quase absolutas portadoras de uma aura até religiosa. Nesse contexto, que tem uma explicação sócio histórica, frequentemente ouvia-se chamar os não sociólogos de alienados, designando aqueles seres limitados, desprovidos da amplitude e da profundidade de pensamento dos frequentadores dos corredores da FFLCH.

Martins, que imagino se impacientava com a atitude de ‘eu sei tudo’ dos alunos da minha geração, não perdoava, e nos fazia encarar, escancarando impiedosamente a nossa própria ignorância. Lembro-me de algumas colocações suas nas aulas: “alienação é um processo coletivo, logo, a desalienação também o será. Eu não me desalio sozinho, portanto, é **duplamente alienado** aquele que chama um outro de alienado, porque todos somos alienados”.

Mas, entre todos os ensinamentos, o mais marcante apresento aqui: “a pior de todas as dominações é aquela que faz com que você se veja através do olhar do seu inimigo, essa é a mais poderosa das dominações, a dominação total, porque significa que o seu inimigo entrou dentro da sua cabeça”.

Aproximei-me de Martins buscando um orientador, ele não aceitou, mas como não aceitava ninguém mesmo, isso não foi motivo de ressentimento. Na verdade, busquei-o por sua fama de

advogado do diabo, fama obtida em virtude de sua inteligência poderosa, sua criticidade que não escolhia direção e contestava coisas que era cultuadas na FFLCH – imagino que tenha granjeado inimigos e desafetos, os quais ele podia enfrentar com o peso da sua vasta produção. Poderia apostar que Martins não partilhava de uma determinada etiqueta acadêmica, prezada por muitos, na qual impera o pacto da mediocridade, pois não percebia nele o desejo de agradar aos grupos de poder ou influência. Se eu disser que ele foi um *outsider* estaria exagerando, mas, seguramente, adotava uma postura muito diferenciada daquela a que estávamos acostumados na Faculdade de Ciências Sociais. Era criticado por alguns alunos, sobretudo os militantes de primeira hora, que o chamavam de igrejeiro, populista, antimarxista, rótulos levianos e sem fundamento, que apenas indicavam que seus críticos desconheciam sua produção e sua trajetória, incluindo o fato de ele ter ministrado, durante muitos anos, um seminário sobre a obra de Marx.

Já na década de 1990, também através de Martins, com quem havia perdido contato, um livro me ajudou a entender mais o Brasil para além dos muros do *campus* do Butantã e das livrarias da Vila Madalena, esse era o Brasil que eu conhecia quando retornei da Alemanha. Com *O poder do atraso* passei a compreender o país no qual eu começava a transitar, e via que as questões públicas e privadas eram todas confusas e misturadas (sic). Eu via um Brasil que o Martins descrevera, um país com imensas diferenças regionais e a convivência de padrões culturais que pareciam fazer com que a história entrecruzasse os séculos XX com o XVII.

Como minha convivência com o professor se deu na década de 1980, a maioria de nós estava entusiasmada com o ressurgimento das lutas de oposição contra o regime militar no Brasil e com as emblemáticas greves do ABC paulista que desaguaram no PT. Após décadas de ditadura, enfim respirávamos ares de mudança, e todos queriam fazer parte do processo, ou ‘colocar a mão na roda da história.’ Eu mesma me encontrava imersa na vida política, tida e havida como a atividade mais importante da existência. Além disso, meu orientador, Francisco Weffort, era Secretário Geral do Partido, e disputávamos a primeira eleição democrática para governador, em 1982.

Nesse clima, o Martins aparecia poucas vezes na sede do partido, seja para comprar brinquinhos de estrelinhas para suas filhas, participar de um debate ou dar consultoria para a Secretaria de

Educação Política, onde eu trabalhava no grupo da Questão Agrária. Mas logo percebi que os acadêmicos que faziam parte dessa Secretaria não estavam afinados com a visão de Martins sobre a questão agrária, visão essa que eu herdara e que, quando tentava expô-la, era rebatida pelos economistas da Unicamp.

Naquela época, não entendia porque o Martins não fazia parte dos entusiastas do novo partido e era tão desconfiado quanto à possibilidade de ele trazer as mudanças para o país. Hoje, eu entendo!

Recebido em 10/09/2013

Aprovado em 15/09/2013